

Exposição: "O Saque da Cidade de Leiria"

Objectivo:

Em 1976-77 um grupo de leirienses fez uma cobertura fotográfica da Cidade em que procurou, na medida do possível, que as estações e os ângulos coincidissem com os de fotografias e gravuras do passado recente e longínquo.

Esta recolha cinematográfica de imagens distanciadas no tempo, veio mostrar à sociedade que após um longo período de lenta formação, a estrutura citadina sofre uma brusca ruptura com o passado, iniciando-se um processo de substituição, simultâneo aos começos da penetração industrial e à centralização administrativa, que se fazem sentir a partir dos fins do século XIX.

Nesta substituição, a Cidade descaracteriza-se, perde identidade, perde a profundidade histórica patente no tecido urbano. A memória da Cidade vai deixando de estar presente no quotidiano dos seus habitantes, para se remeter ao reduto dos arquivos.

Não é só o património histórico, é a imagem da cidade, a sua escala humana, os seus espaços convivenciais que se vão perdendo irremediavelmente. A substituição compromete a qualidade urbana, a urbanidade.

Este aviltamento cultural não pode deixar de relacionar-se com a mobilização industrial, com o desenvolvimento tecnológico, com a valorização mercantil do meio.

Dai o nome da exposição: "O Saque da Cidade de Leiria".

Que a exposição deste caso constitua uma das origens do debate generalizado sobre a situação actual das nossas Cidades, que congregue, entre outros, todos os que sobre elas se têm debruçado, eis o objectivo que se pretende alcançar com esta iniciativa.

Em muitas cidades antigas da Europa as pessoas acarinharam e puseram em prática a ideia de uma ZONA DE PEÕES.

Fecharam-se ao trânsito de veículos as ruas e praças com maior significado histórico-artístico, tendo-se conservado a escala humana dos seus recantos acolhedores que oferecem hoje excelentes oportunidades de convivência.

Um ambiente aprazível e seguro veio beneficiar o comércio que, por seu turno, contribuiu decisivamente para a sua animação urbana.

Existem ZONAS DE PEÕES em muitas cidades europeias, tais como; Faro, Portimão, Vila Real de S.to António, Leicester, Wuppertal, Munich, Birmingham, Leeds, Viena, Opdenbourg, Londres, Essen, Gotebourg, Paris, Copenhagen, Norwich, Rouen, etc. Na vizinha Espanha elas são tradicionais.

Pensa que em Leiria também se deverá reservar para peões uma área da cidade antiga que se centrará na Praça Rodrigues Lobo?

SIM

☐

NÃO

☐

Pensa que se deverá iniciar desde já o estudo de tráfego para resolver a circulação, estacionamento, carga e descarga na Praça Rodrigues Lobo?

SIM

☐

NÃO

☐

Pensa que a Estátua de Rodrigues Lobo, no Centro da Praça, prejudica o uso e aspecto da referida Praça?

SIM

☐

NÃO

☐

Pensa que a Praça Rodrigues Lobo deverá ter árvores?

SIM

☐

NÃO

☐

Tem outras ideias sobre a utilização, pavimentação, fachadas e equipamento da Praça Rodrigues Lobo bem como quanto à extensão da ZONA DE PEÕES às ruas limítrofes?

Animação cultural

Onde se fala de um Orfeão (de Leiria) visitado pelo Centro (Nacional de Cultura)

Céu Neves

O Orfeão de Leiria, colectividade com 38 anos de existência, tem ali desenvolvido intensa actividade no campo da música, teatro e rerealização de debates. Um exemplo terá sido o sarau pelo coral masculino, o colóquio «Cidade de Leiria, Memória e Crescimento» e ainda a inauguração da exposição fotográfica «O saque da Cidade de Leiria», com que o Orfeão recebeu, no passado dia 5, os sócios do Centro Nacional de Cultura.

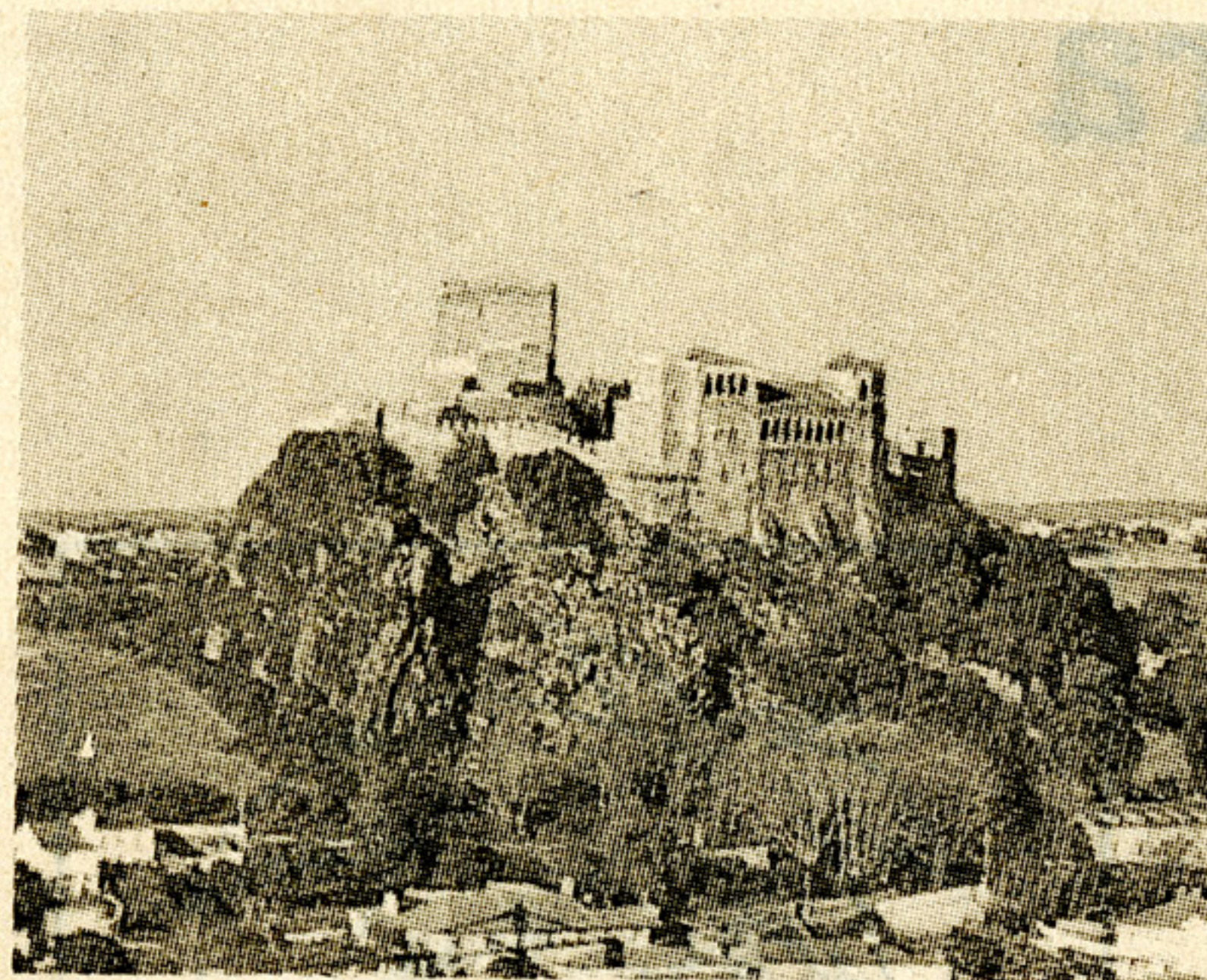
O certame, patente ao público até fins de Maio no Cine-Teatro José Lúcio da Silva, é um selecção de fotografias tiradas em épocas diferentes, quase sempre, do mesmo ângulo, acompanhadas de breves textos explicativos do que foi e é hoje a cidade.

*Lá reví as janelas do Convento
De Santo Estêvão donde uma menina
Me espreitava com muito acanhamento
Enquanto entretecia renda fina*

Acácio Paiva

«O autor destes versos, o poeta leiriense, Acácio Paiva, teria grande dificuldade em rever as janelas do convento, ocultas do bloco de betão, malhada de ladrinhos, que se levanta na encosta» — é o lamento dos organizadores da exposição, Jorge Estrela (historiador de Arte), Fausto Simões e Rui Ribeiro (arquitectos), e José Marques da Cruz (fotógrafo).

Uma mostra idêntica, realizada há sete anos, não sensibilizou as pessoas, e a degradação em nome do progresso continuou. «A nossa ideia não é ficarmos amarrados ao saudosismo, mas conciliar o desenvolvimento da



Leiria em postal: lá dentro há quem lhe chame «a pior capital de distrito»

cidade com a história» — diz Jorge Estrela. Uma segunda tentativa de reflexão dirigida a todos os leirienses e em particular os jovens. É o contraste entre o antes e o depois, bem visível ao longo dos painéis expostos. Paisagens desertas, por acabar, casas modernas — **blocos de cimento** em degradação, monumentos históricos a reconstruir e espaços verdes que não existem. Um panorama bem diferente do que Eça de Queiroz nos descreve em **O Crime do Padre Amaro**.

Estes problemas estendem-se também à periferia, como o mostra a análise do bairro dos Capuchos, «um meio rural bem caracterizado, belo, agradável (...) e útil que vai sendo primeiro abandonado e depois substituído por outro proto-urbano, sem urbanidade.» — lê-se num dos textos da exposição.

Com todas estas modificações, também a vivência das pessoas é diferente. As portas querem-se bem fechadas e o convívio quase não existe.

«Cidade de Leiria, Memória e Crescimento» foi tema de um debate em que se discutiu esta situação e se questionaram as sucessivas autarquias da cidade. Mas outras causas são apontadas para a degradação de Leiria, «a pior das capitais de distrito» — como várias vezes se ouviu na sede do Orfeão: a insensibilidade das pessoas para o problema, a ânsia dos construtores em ganharem mais gastando menos, e a apatia dos grupos culturais.

Outras iniciativas

O Orfeão de Leiria pretende, assim, «alertar para a destruição do património cultural» — diz-nos Henrique Pinto, um dos responsáveis do organismo, que integra uma escola de música, um grupo de teatro e o coral masculino. Espectáculos teatrais e concertos de música clássica são as actividades realizadas com maior frequência, para o qual, o Orfeão conta, regularmente, com subsídios da Câmara e Fundação Gulbenkian, e a quotização dos 800 sócios.

O programa para o mês de Maio, no âmbito das comemorações do 38.º aniversário, inclui a apresentação da peça de Eugène Labiche **A viagem do senhor Perichon**, pelo grupo teatral; o ciclo «Grupos Culturais do Distrito»; um recital de piano e canto por Maria Amélia Abreu e Maria Rosário Font: e o sarau do Orfeão com o Ballet Icaro, Escola de Música e Coral.

CNC — Apelo aos jovens

Outra colectividade com lugar conquistado no panorama cultural português é o Centro

Nacional de Cultura. Os seus 39 anos de trabalho têm nos passeios de domingo de manhã a actividade principal. Entretanto, «com subsídios estatais acidentais e não avultados, a funcionar com dificuldades e aos solavancos» — como afirma Manuel Teles Vasconcelos, um dos responsáveis do Centro —, outras iniciativas se juntaram. São os cursos ao fim do dia, os passeios aos fins-de-semana e os colóquios sobre temas sempre actuais.

Na recente viagem a Leiria verificámos que a maioria dos passageiros tinha idade avançada. Perguntámos a Manuel Vasconcelos se esse facto tem a ver com os preços dos bilhetes (cada adulto pagava 4800\$00). «Não — disseram. Repare que os preços das discotecas são caras e elas estão cheias. Não há falta de dinheiro, mas sim de interesse. No entanto — acrescentou — actividades como o montanhismo ou o campismo têm maior aderência de jovens.»

Neste sentido o Centro Nacional de Cultura vai realizar uma campanha de apelo aos mais novos, com programas que lhes são inteiramente dedicados.

Aos 1400 sócios inscritos na associação, com uma quota de 200\$00 mensais, vieram juntar-se 21 empresas comerciais.

Estão previstos para o mês de Maio cursos livres de tapetes de Arraiolos e artes decorativas, um estágio de tintura vegetal e ainda um curso de recuperação urbana e património; almoço de comida alentejana; visitas ao Largo do Chiado, Alfama e Tomar; um colóquio sobre o livro **Entre Remos e Albufeira**, de José Silva Saraiva; filmes de antigos passeios; e finalmente um concerto com a Orquestra da RDP, no Teatro Nacional de São Carlos. ■

«O SAQUE DA CIDADE» MAIS ACTUALIZADO...

Em 1977, como na altura tivemos oportunidade de nos referir, esteve patente ao público durante várias semanas, no átrio do Cine-Teatro José Lúcio da Silva, uma exposição fotográfica modelarmente legendada subordinada ao tema «O saque da cidade de Leiria». A iniciativa, na altura, partiu de um grupo de leirienses, muitos deles radicados noutras terras, que preocupados com a série de atropelos cometidos na traça urbana do velho burgo, com o beneplácito da própria edilidade, tentaram sensibilizar a opinião pública e as autoridades locais, e não só, para os inúmeros erros consentidos e irremediavelmente irreparáveis na fisionomia de uma cidade, sem uma contrapartida cultural e urbanisticamente justificada.

Foi na verdade uma bem intencionada e feliz diligência, a merecer os melhores encómios dos leirienses, a servir de alerta para a prática de novos atentados, movidos pela cobiça desenfreada e oportunistas de muitos indivíduos que aqui encontraram campo de acção para levar por diante tais desígnios. Pena foi que esse alerta, apesar da sua reconhecida utilidade, não tivesse encontrado, na prática, a determinação firme de o fazerem respeitar, continuando a permitir-se a degradação do ambiente e do património local a pretexto de várias motivações, vazias de significado e de interesse colectivo, até aos nossos dias, modificando substancialmente, um pouco por toda a parte, as características de uma cidade «sui generis», com um passado histórico e monumental que é imperioso preservar.

Retratando uma série de casos mais flagrantes, a verdade é que até a própria autarquia «sentiu» aparentemente os contrastes evidenciados, considerando pertinente tal exposição que poderia servir de exemplo para futuras decisões. E a confirmar que o assunto se revestia do maior interesse, a própria Câmara Municipal, por sugestão do seu presidente, deliberou adquirir as fotografias do certame, a fim de fazerem parte dos arquivos municipais e, ao mesmo tempo, como se admitiu, constituírem elementos de reflexão para futuros executivos. Paradoxalmente, volvidos sete anos, constata-se a mesma política: os verdadeiros interesses da cidade, que todos reconheciam prejudicados, capitulavam perante os diversos e sucessivos expedientes utilizados pela força do dinheiro, acabando quase sempre por ultrapassar as dificuldades que se opunham à concretização dos projectos. Assim, durante todos estes anos, continuou a aumentar o número de atropelos, permitindo-se uma série de construções sem atentar convenientemente na série de agressões que iriam provocar ao meio ambiente e estilo de antigos edifícios que, de um dia para o outro, se viram esmagados (e continuam a ver infelizmente) por edificações incaracterísticas e de elevadas proporções que ferem e chocam a sensibilidade dos cidadãos que se preocupam com estes problemas de metamorfose citadina e sem paralelo noutras capitais de distrito ou em qualquer outra cidade.

Por iniciativa do Orfeão de Leiria, que está a comemorar 38 anos de existência, a população vai ter agora nova oportunidade, até ao fim do corrente mês, de rever no mesmo Teatro não só as fotografias expostas há sete anos, graças à cedência do município a quem foram solicitadas, mas ainda outras obtidas posteriormente pelo mesmo técnico fotográfico José Marques da Cruz, complementando, dessa forma, até aos nossos dias, o trabalho então iniciado. A referida exposição, pelo valor e interesse que encerra, mereceu no último sábado a visita antecipada de cerca de meia centena de elementos do Centro Nacional de Cultura, acompanhados da directora D. Helena Vaz da Silva que, à noite, no auditório da colectividade organizadora, participaram num vivo e animado colóquio sob o tema «Cidade de Leiria, memória e crescimento», antecedido de uma curta actuação do Coral do Orfeão. Presentes, também, nesta jornada cultural a visar a defesa e o enriquecimento do património da cidade, Jorge Estrela, José Charters da Conceição e Fausto Simões, da Associação Nacional dos Arquitectos, para explicarem as razões que presidiram à realização pública do certame em 1977, traçar uma panorâmica da situação e responder às questões agora levantadas pela selecta assistência, que o adiantado da hora não permitiu prolongar.

Como ali foi sugerido, importa divulgar e levar a outras áreas do Distrito o material fotográfico da exposição do Cine-Teatro José Lúcio da Silva, que retrata «o saque da cidade de Leiria», para consciencializar e motivar as pessoas na salvaguarda dos interesses colectivos em que a cidade de Leiria se pode considerar uma das maiores vítimas e que as sucessivas autarquias até agora, não conseguiram contrariar.

MANUEL JERÓNIMO PASCOAL

O CENTRO NACIONAL DE CULTURA VISITOU LEIRIA

O Centro Nacional de Cultura é um organismo que terá em 1985 40 anos de existência plena de actividade e conta com a inscrição de 1400 associados. Começando por ser um certa forma de "tertúlia" cultural, por ele passaram nomes importantes tanto nacionais como estrangeiros, casos do padre Abel Varzim, o Dr. Fernando Amado, Almada Negreiros, Teixeira de Pascoais, de quem existem algumas cartas, do filósofo francês Gabriel Marcel e também do poeta brasileiro Manuel Bandeira, entre muitos outros. Um dos seus fundadores foi uma figura bem conhecida da cena política portuguesa, o Arq. Gonçalo Ribeiro Telles, e dos seus vários presidentes conta-se o Dr. João de Freitas Branco que os leirienses bem conhecem.

Os anos 60 atribuíram ao CNC um papel de relevo na vida política do país, em particular na formação de movimentos como o CEUD e a CDE, servindo as suas instalações de cenário a inúmeras reuniões, colóquios, debates, etc., mal tolerados pelos Governos de então. João Cravinho, Felicidade Alves, Luís Moita, etc., são nomes que por aí passaram nesses conturbados tempos. Os anos 70 prosseguiram o mesmo cariz de oposição ao anterior regime até ao 25 de Abril de 1984. De assinalar também que a extinta revista "Raiz e Utopia" reflectiu ela própria toda uma dinâmica seguida então pelo CNC. Presentemente, este organismo continua a desempenhar um papel de relevo na vida cultural portuguesa com a promoção de cursos abertos a todos os seus associados orientados para os mais diferentes campos do Saber, como a Música, o Teatro, as Artes Decorativas ou a Recuperação Urbana e Património, com a organização de roteiros gastronómicos onde se divulga a arte culinária típica de cada região, com o fomento do gosto pela Arte de Talma através da assistência a ante-estreias de qualidade e também com os seus já tradicionais passeios por um Portugal ainda

desconhecido para uma grande maioria dos portugueses. Dois nomes extremamente dinâmicos presidem hoje aos destinos do CNC: os de Maria Helena Vaz da Silva e o do Dr. José B. de Sousa, pai do excelente pianista João B. de Sousa já conhecido pelos melómanos leirienses.

Leiria acaba de receber a visita do Centro Nacional de Cultura, numa organização do seu Orfeão, em que, através de um programa diversificado e aliciante, se procurou aliar o seu passado histórico, ao seu aspecto paisagístico e ao seu presente. Assim, através de uma apresentação do seu Castelo, verdadeiro "ex-libris" da cidade, conduzida por Saúl António, os visitantes puderam ficar com uma ideia da construção, que é também, em suma, o próprio nascimento de Leiria, seguindo-se uma passagem pelas Cortes com os seus trechos bucólicos das nascentes do Lis, a conhecida nora e a casa onde viveu o grande poeta Afonso Lopes Vieira. E de novo a história presente nas colecções de objectos Pré-Históricos e Romanos existentes no Reguengo do Fetal cuja Igreja Matriz e restos de casas típicas degradadas mereceram a atenção de todos os participantes. Mas, um dos pontos mais altos deste passeio, terá sido, sem dúvida, a inauguração da exposição fotográfica "O SAQUE DA CIDADE DE LEIRIA" que, 7 anos após a sua primeira apresentação, permanece, infelizmente, cada vez mais actual exposição essa que, tal como anunciamos noutro local deste jornal, está patente no átrio do Teatro José Lúcio da Silva até ao final do corrente mês de Maio. E também o Sarau pelo Coral do Orfeão de Leiria, numa apresentação curta mas significativa, que antecedeu o colóquio "CIDADE DE LEIRIA, MEMÓRIA E CRESCIMENTO" pelos arquitectos José Charters da Conceição Fausto Simões e Jorge Estula que, de um forma clara mas incisiva, denunciaram as sucessivas

degradações do património arquitectónico, monumental e histórico que a cidade tem vindo a sofrer ao longo dos tempos com o beneplácito das várias gestões camarárias, sob o signo da incompetência e de inconfessados jogos de interesses onde prevalecem as vontades do grande capital em desfavor de todo um património cultural em vias de extinção num futuro não muito distante, senão se puser um ponto final em tal estado de coisas.

Como nota significativa deste passeio, a presença de vários jornalistas representativos de órgãos de informação importantes, como o "Diário de Notícias", o "Diário de Lisboa", o "Expresso", o "Jornal de Letras", "O Diário" ou o "Correio da Manhã", sendo de lamentar a ausência da Imprensa Regional, que certamente não se terá apercebido de uma iniciativa desta envergadura a nível nacional que, uma vez mais, atesta o dinamismo do Orfeão de Leiria e todo o seu empenhamento numa verdadeira política cultural para a cidade.

J. Guerreiro

Fundador: José Baptista dos Santos

Director: José Angelo dos Santos Baptista

Propriedade da Empresa Jornalística Região de Leiria, Lda.

A
cia
la.

O Saque da Cidade de Leiria ou uma Exposição que «entendeu» Leiria

Está a decorrer no Teatro José Lúcio da Silva uma exposição-documento notável e ímpar. Um grupo de leirienses, jovens, que COMPREENDEM Leiria e a sua região vêm mostrar-nos as maldades que se fizeram, durante cerca de um século, a uma cidade humilde e rural, transformando-a em banal e incaracterística urbe. A extensa lição-crítica está desenvolvida com grande dignidade e qualidade, e revela uma cultura e elevação invulgar da parte dos seus incansáveis autores.

Leiria tem (ou teve) características próprias: é humilde, tem uma grande componente rural, como uma boa parte das cidades dos países do norte, e mascará-la com vestimentas que, embora queiram seguir a moda, lhe não servem será desfigurá-la e dar-lhe uma aparência grotesca que não lhe convém. É terra melancólica com vocação para os verdes, para as árvores, as sebes, as relvas, a frescura. O próprio Lis, emparedado em muralhas degradantes, reclama, do fundo da sua humildade, a restituição ao seu bucolismo de origem e uma barreira purificadora.

Leiria, ainda, tinha outra vocação (e convinha que a conservasse): era íntima e dada a convivência. Tinha os seus locais próprios de convívio, amenos onde se faziam encontros ocasionais ou propositados que conduziam a amizades duradouras, onde havia convidativas facilidades de estar, com sombras, bancos e ambiente para a cavaqueira. A tudo isto devia a urbanização futura atender e não o fez. A tendência hoje é para a aridez e desconforto, a sementeira de pedras mortas como se está agora a ver por aí. Mais exemplos: o espaço onde está a Fonte Luminosa e o grupo que celebra o casamento do Lis e Lena, não tem nada à escala da sugestão dos campos onde os dois rios correm. Não há bancos para repousar, conversar e observar, nem suspeitas de árvores a aparecerem. Na Praça Rodrigues Lobo, árvores floridas deitadas abaixo! É preferível, segundo certos conceitos, que as pedras mortas estejam bem à vista. A face humana, de acordo com a Natureza, que existia e se perdeu, dificilmente agora será restaurada. Esta é a melancólica suspeita.

Leiria nunca foi rica em arqueologia, mas tinha, dentro da sua humildade, elementos a preservar, perspectivas a respeitar; pois isso

foi quase totalmente ignorado: destruições e ocultações desrespeitosas.

De tudo isto dá conta (e de muito mais) a bela exposição, bem ilustrada com documentos fotográficos de grande beleza, onde os contrastes entre o antigo e o moderno estão bem vinculados com legendas apropriadas de elevado e humano critério.

Poderá alguém dizer (e quantos o não dirão) que a bela e ambiciosa exposição entra francamente no Reino da Utopia. É verdade. Eu, por mim, gosto da Utopia. Acho que ela é um limite deslumbrante para que tendemos. Não a atingiremos mas, com muito tempo e muita paciência, iremos, aos poucos, aproximando-nos mais dela.

Não se deseja, na verdade, voltar ao carro de bois, às galinhas a esgravatar e aos porcos a foçar na lama do Campo de D. Luís, como nos fala o Eça. A humildade pode e deve ser limpa e digna e as facilidades e vantagens da civilização podem perfeitamente coexistir. Há valores, na realidade, que se perderam; há uma cidade com um espírito próprio, dela, que foi substituída por outra que se banalizou e, em certos casos, irreparavelmente. E, parafraseando o sensível e sensato Leiriense e Estremenho que foi Afonso Lopes Vieira, com esta substituição desapareceu «aquilo que um burgo histórico possui de mais precioso — a atmosfera».

A qualidade da exposição-crítica merece grande divulgação. Aqui se sugere que se façam exposições itinerantes pelo menos pelas principais localidades do nosso distrito como exemplo fundamental do que se não deve fazer. E mais, que a nossa Câmara Municipal a adquira com condições: a de não ficar em caixotes a deteriorar-se, como é, em muitos casos, o timbre de Leiria. Ou ainda que ela não venha a ser mandada para os Museus de Coimbra, a guardar, como se pretende fazer a parte do nosso escassíssimo património etnográfico.

A que ou quem se podem atribuir culpas? Não se trata de fazer esse inquérito. Constata-se o facto e estima-se que a lição, que está ali à nossa frente, seja aprendida principalmente por aqueles que, voltados para os interesses materiais desmedidos, fecham os olhos a valores humanos mais elevados.

H. G.

Vida Rotária do Clube de Leiria

REUNIAO-CAFE NO DIA 11 DE MAIO NA SALA DE CONFERENCIAS DO HOTEL EURO-SOL.

A
QU
ME
offic
do
pro
o p
de
vaç
epi
A
ben
gos
R
PEL
QU
PER
NIC
siçã
da
mer
dad
Adm
do
D. I
A
apre
C
nive
É
inco
e a
tre
não
isen
S
riza
xar
chai
ject
ralid
estu
glob
Pr
ra a
se i
prov
e er
—
supl
aten
—
piso
assi
nea.
—
para
—
ferio
do
terá
Entr
altur
de {
Ni
ecor
inco
A
—
cust
de 4
A
envi
22 41